

# O Visionário

*Carlos da Terra*

– Senta-te aqui ao meu lado, sob esta frondosa árvore, e contempla o firmamento. Este convite, faço-vos por puro amor, e pelo desejo da tua companhia nesta viagem fantástica.

“Vamos buscar um grande segredo que está escrito em letras bem grandes e bem à nossa vista, nesta grande árvore, neste céu, na água e em nós mesmos. Vamos viajar para aqui mesmo!

Porque precisamos buscá-lo? Teu olhar me pergunta! Porque já não nos foi dado generosamente?

Pensei tanto sobre isso que talvez lhe possa dizer alguma coisa agradável.

A generosidade está na grande oportunidade que neste momento, sob esta árvore e diante de nós dois, se posta escandalosamente. A generosidade está no amor que nos fará sentir que nós mesmos somos os produtores da eternidade, a felicidade e a sabedoria. Será esta a forma de seleção porque embora pareça a muito como alvissareira muitos poderão não ambicionar este paraíso, e mesmo aqueles que não o querem são respeitados pelo Generoso; Nada sendo imposto e nada sendo cobrado, a seleção se dará espontânea e justamente.

A igualdade entre nós dois, que nos permite este diálogo secreto e exclusivo, é outra fantástica dádiva para a compreensão dos desígnios da Criação; é uma luz no nosso caminho que se acenderá com o desprendimento.

Você não fala do mesmo modo que eu e eu não falo como vós, no entanto sabemos, ambos falamos, sentimos e vemos as mesmas coisas. A generosidade ofereceu a todos esta grande oportunidade... Trata-se de um bem comum!

Vejo, porque sou um visionário e posso ver sua alma, que você está feliz aqui ao meu lado. Vivemos, agora, neste momento, uma parte ilusória da eternidade porque estamos felizes, em paz e as coisas que estão à direita não são melhores nem piores do que as da esquerda, como as que estão atrás são iguais às da frente. Não precisamos nos virar para ver o todo. O todo é esta parte que por ora estamos vendo.”

Nesse momento o cão olhou docemente para o visionário e o circulou sem qualquer ruído, fixando seu olhar em sua face contemplativa ... pasmada.

Os pássaros cantaram associados em suave e distinta melodia e a grande acácia moveu suas folhas ao vento brando; E uma brisa muito agradável sentida de modo especial para cada um dos seres, os envolveu, como se fosse a nuvem descendo suavemente.

A brisa era agradável para quem a queria forte ou fraca porque ela se conformava ao desejo, como se fosse uma acomodação de árvores em plena floresta virgem, totalmente arborizada. Pequenas e grandes, essas árvores recebem a chuva e o sol proporcionalmente à sua necessidade.

– Mas é verdade! Percebo agora que a visão da nuvem não foi uma ilusão como pensamos a princípio. A nuvem desceu realmente, era verdadeira e agora está nos envolvendo de forma mágica.

E começamos a subir e se mover com a silenciosa e agradável nuvem.

E a nuvem tinha um brilho exagerado, estupendo, miraculoso nas que a despeito de seu vigor, não feria os olhos e trazia uma paz inconfundível... estávamos partindo para um lugar desconhecido na imensidão incompreensível do infinito universo.

Passávamos por estrelas, astros celestes em movimento ou estáticos enquanto eu e meu cão nos olhávamos extáticos.



Não precisávamos saber onde estávamos e também não precisávamos sentir falta dos outros seres do nosso convívio porque sabíamos que todos estavam amparados pelo Senhor de todas essas coisas e nós mesmos iríamos encontrar a suprema igualdade; a milagrosa igualdade absoluta entre todos os seres.

E a igualdade dos seres é de difícil compreensão mas tão óbvia quanto a infinitude do universo.

O universo – estávamos vendo agora – não apenas se supõe que seja infinito mas ele, sobretudo, tem que ser infinito. Suponha \_ disse o visionário à sua companheira – que o universo tivesse fim e então nós chegássemos ao fim. Poderíamos, por exemplo, encontrar um muro que indicaria “fim do universo”.

E logo, diante dessa indicação, nós nos perguntaríamos:

- E o que tem depois deste muro?

Se a resposta fosse nada, ainda assim, nada é alguma coisa e portanto isso mostra como o universo é inequivocamente infinito.

“Mas nós somos limitados para compreender isso. Isso tem sim uma explicação mas não está ao alcance de nossa natureza.

A grandeza e a pequenez de um ser para a compreensão de um fenômeno é uma fantástica qualidade chamada “igualdade relativa”. A todos atinge distintamente, de acordo com o que precisam e o que foi destinado.

“Assim, continuando em nossas hipóteses na nuvem, pensamos em um

canil, onde os cães estivessem presos e não pudessem sair devido à não terem mãos e possuírem quatro patas o que lhes obriga a ficar com o tronco maior na posição horizontal, quando podem usar sua integralmente sua força. Esses cães, impossibilitados de sair, como já foi dito, estavam (em nossa suposição) sedentos e absolutamente carentes de água na vasilha. Eles estariam quase morrendo de sede quando seu orientador e companheiro entra no canil e abre uma torneira, por onde jorra abundantemente a água.

“os cães bebem a água satisfeitos mas não podem jamais entender ou compreender como a água vem em um cano subterrâneo, colocado arbitrariamente pelo homem, para eles.

Não compreendem não porque a inteligência deles seja inferior, mas por causa da “igualdade relativa”, que é um presente da natureza.

E assim, divagando por essas imagens, a nuvem nos colocou suavemente no solo de algum lugar por onde começamos a andar e parar extasiados.

Estávamos ansiosos quando chegamos a uma porta dourada, de um castelo gigantesco e azul que tinha suas portas fechadas com uma placa onde podíamos ler “Prepare-se!”

Os seres da nuvem luminosa já haviam partido e ninguém havia que pudesse nos explicar nada.

Nós, então, caminhamos alguns metros à frente do castelo e nos sentamos sob uma árvore muito parecida, idêntica até, à árvore sob a qual estávamos sentados no preâmbulo da nuvem extraordinária.

Ali nos sentamos e sentimos fome!

De tudo havia ali para comer, inclusive, caso quiséssemos, animais para serem devorados, frutos e tudo o que havia em nossa casa.

E começamos a refletir, sob a árvore que nos parecia sagrada, a acácia celeste, se seria justo ou mesmo apropriado comer isto ou aquilo, ou mesmo não comermos; o certo é que ambos – eu e meu companheiro, o cão – ansiávamos por adentrar ao atraente castelo.

Queríamos saber o que haveria dentro dessa grande construção espacial. Estávamos à porta dela e precisávamos de alguma coisa para que a porta se abrisse. Não sabíamos o que poderia abrir a porta porque não havia fechaduras. Parecia carecer de uma palavra ou um gesto mágico diante do qual a porta se escancararia.

Foi nesse momento que meu cão de nome Céres começou a cavocar suavemente a superfície vaporosa e com suave odor e sob suas patas apareceu uma nova inscrição, desta vez com duas palavras apenas... “prepare-se” e “busque”.

Mas onde e o que buscaremos? Á que nos incita essa inscrição fantasmagórica?

Logo nos veio uma resposta ao pensamento: a verdade! A verdade, tão variável para todos os humanos, mas que certamente invariável para o destino das almas seria o alvo de nossa procura.

Buscaremos agora a verdade que abrirá a dourada e gigante porta, mas estaremos juntos Céres e eu, embora cada um de nós tenha seu universo independente e milagrosamente igual e geral como para todos os seres que passavam à nossa frente e que supúnhamos fossem iguais aos de dentro do castelo.

E começamos, famintos, a observar esses seres. Notamos que alguns deles permeavam a porta do castelo que para nós parecia absolutamente sólida e intransponível. Mas alguns seres passavam como se fosse mágica. Todos esses seres variados, - homens, cães, cavalos e tantos outros – soltavam suas vozes distintas porém, todos se entendiam. Seus corpos falavam também de forma clara e inequívoca de modo que nós dois, ali olhando, conseguíamos saber quem estava alegre ou apreensivo.

Queríamos muito, comer! Nosso ardente desejo de comida não atenuava e nós então começamos a refletir em silencioso diálogo:

“Estaríamos nós precisando de comida ou seria um hábito, um descuido e assim criamos uma falsa necessidade?”

Já estávamos um certo tempo sem comer e não havíamos morrido ainda; pelo contrário, sentíamos-nos muito bem apesar da “fome”.

Havia ao nosso redor muitas frutas e muitos seres mas observamos que não víamos ninguém comendo qualquer coisa.

Parecia que não podíamos comer... ou será que o fulgor da nuvem nos confundiu a ponto de parecer que não precisávamos comer?

Percebemos a aproximação de uma pessoa, ao longe, nos parecendo com a figura de um monge, tal qual conhecíamos na Terra, porém esta figura vinha acompanhada de um leão tão belo e expressivo como os que já havíamos visto.

Calmamente, vagarosamente, o homem e o leão se aproximavam de nós e nem eu, nem Céres sentimos medo do leão ou do misterioso monge. Pelo contrário... uma calma nos invadiu profundamente, causando um efeito semelhante ao hipnótico.

– Senhor – disse eu – não sabemos onde estamos; vivíamos um dia calmo em casa e de repente fomos transportados para cá.

– Vocês adentraram a luz que os trouxe ao princípio de uma nova viagem. Nessa viagem vocês poderão daqui a pouco adentrar o castelo maravilhoso e sagrado se atingirem o crescimento necessário através das observações que lhes são proporcionadas. Vocês retornarão à Terra e serão perseguidos pelas imagens daqui. É lá na Terra que continuarão sua

busca. Se evoluírem ao ponto de compreenderem os desígnios supremos, então a nuvem os trará de volta quando de sua morte terrena, ao fim de sua jornada terrena e início de sua jornada eterna e maravilhosa!

Adiantamo-nos um passo e acariciamos o leão quando uma espécie de explosão silenciosa abriu uma nuvem luminosa e nos envolveu.

Abrimos os olhos e estávamos novamente sob a Acácia, sentados, porém já entardecia...

Agora estranhávamos que não havíamos comido nada, mas estávamos muito dispostos e atentos...

Resolvemos então jejuar por mais dois dias. Percebemos que o jejum inicial nos trouxe revelações e aquele monge da ilusão, acompanhado do leão, não comiam nada.

Percebemos que estávamos descobrindo alguns segredos...

Algumas questões nos vieram ao pensamento e começamos a refletir:

Por que a gula foi inicialmente desaconselhada?

É possível que comer seja um ato de prazer e não de necessidade....

Pensamos!

E aí nos perguntamos... e afinal?

Quem nos dá a vida? A Luz que iluminava nossa ilusão ou as comidas?

Quem, afinal, alimenta a luz do vagalume ou a energia de nossas almas? O vagalume morre, isso é certo, mas e sua luz? Continua vivendo de onde veio?

A voracidade leva alguns seres a comerem outros seres sem questionar o sofrimento que causam aos descendentes de ambos, tanto do devorador quanto do devorado.

Isto acontece porque todos somos um. Todos sermos um, é a fantástica e inebriante matemática do eterno, também incompreensível à nossa pequenez.

Quando matamos um ser de qualquer espécie morremos um pouco também. Essa subtração faz parte dessa matemática.

Pudemos perceber em nossa curta estada que lá na Luz, não havia sacrifícios e festins de sangue e que as espécies conviviam em perfeita harmonia, em vida eterna.

Tudo era muito parecido com o que vivemos aqui, mas as pequenas diferenças propiciavam a longa vida de todos.

A grande Luz alimentava a todos e viver era a razão de suas vidas.

Comiam algumas frutas por puro prazer de festim e depois jejuavam por períodos variados, individuais, para restabelecerem as condições de vida eterna.

Como a comida era apenas para o prazer e apenas frutas ou vegetais rapidamente absorvidos, eles não apresentavam as necessidades fisiológicas que aqui na terra

causaram os esgotos e a poluição das águas e do solo. A aglomeração desses detritos humanos é devastadora, mesmo quando jogadas no mar alto, onde causam a morte de muitos seres destinados a viver naquele ambiente.

Mas para jejuar é preciso antes evoluir no sentido de uma aproximação com a Luz. Quem jejuar por outros motivos não verá o castelo. As portas do castelo serão abertas pela Luz. A Luz adentrará o coração de quem buscá-la com mansidão e se abster de carne de qualquer tipo.

Perguntamos então ao monge....

– Como se pode iniciar o jejum?

– Antes – disse-nos ele – é preciso estabelecer o propósito. Apenas um propósito justifica o sacrifício do jejum e esse é, justamente, o de postergar o prazer, desejar a grande alegria que é adentrar ao magnífico e único castelo.

“Quando o propósito se estabelece, não é necessário um sacrifício acima de suas próprias forças humanas terrestres. Basta estabelecer um período inicialmente curto, o bastante que possa ser considerado exequível e, em seguida, praticá-lo. Quando estiver fácil, então aumentar-se-á o período de jejum para novo sacrifício e assim por diante”

– O jejum é a única forma de adentrar ao castelo?

– Não... - respondeu calmamente o monge – porém é o que mais facilita a passagem porque acelera o processo de compreensão e desapego da Terra.

– Porque o Criador nos fez apegados à Terra se para entrarmos no castelo é importante o desapego. Vivendo aqui, o apego é importante e nos liga à Terra. A alimentação é o fator de ligação?

– A seleção – respondeu pausadamente o monge – a seleção se faz necessária e importante por justiça. A casa do Criador tem muitas moradas, como disse Jesus, e a morada da paz é o Castelo, para onde os justos irão. Nele o ambiente é de paz!

“o primeiro jejum – prosseguiu o monge – é o da carne. Nenhum outro alimento é proibido, no entanto a carne o é! Jejuando de carne o ser humano em evolução, perceberá a igualdade da criação animal. Saberá ver que na linguagem comum que a dor tem intensidades e vozes relativamente iguais para todos; poderá ver que a dor de se perder um companheiro ou ter que se afastar de um ente querido é indesejável e dolorosa para todos os animais, sejam eles homens ou não.

O cão e o visionário continuavam olhando atentamente para o monge e desfrutavam, ambos, do dom da compreensão universal para interpretarem cada um, porém igualmente, as palavras do monge.

O visionário ousou interpelar:

– Se Deus, o Criador, tem uma voz comum porque não a ouvimos e então seria muito mais fácil encontrarmos o caminho. Eu nunca ouvi a voz dele! - afirmou.

– A voz dele – retorquiu o monge – é certo que você já ouviu muitas vezes.

Você e o seu cão, que aqui está também, porque a Generosidade presenteia a todos os seres vivos animais, igualmente, quando se tornam descobridores, com a capacidade da compreensão universal da fala de Deus.

“a voz do Criador é universal, todos os animais a entendem do mesmo modo; o Criador não usa palavras; utiliza-se dos sons, luzes e outras manifestações sensoriais. Assim, o trovão, por exemplo, avisa a todos os animais, sem exceção, tais como o homem, o cão, o peixe, o pássaro... avisa-os que vai chover. O vento sopra igualmente para todos e o mais incrível é que todos recebem o mesmo vento mas para todos, ele, o vento é recebido distintamente apenas suficiente para entendermos a mensagem divina. A luz é igualmente uma linguagem universal e o dia e a noite são luzes frequentes, quando alguns animais acordam e outros vão dormir. O dia e a noite são manifestações incontestáveis da Luz que diariamente nos incitam à reflexão e ao crescimento espiritual.

“e assim – continuou o monge – todas as outras coisas nos são avisadas; mas esses avisos são apenas uma linguagem simples. Outros sinais, mais complexos e avançados serão percebidos ou compreendidos com o jejum que lhes falo agora. E se os sons e luzes, ou outros sinais estiverem alterados, será um aviso para corrigirmos a nossa rota e jamais um castigo! A Generosidade não castiga; oferece um recurso de correção em busca do grande castelo...

– E aqueles que não encontrarem o caminho para o Castelo? – perguntou o visionário – Serão castigados?

– Não há castigo – disse o monge -. Eles voltarão para o caminho e novamente receberão as vozes e sinais para, então, corrigirem a sua rota, porém, muitos poderão sequer ter o desejo adentrar ao Castelo. Muitos não aceitarão o presente da Generosidade, preferindo continuar no seu caminho antigo, e mesmo a esses, a Generosidade permitirá a continuidade de suas vidas. Cada um caminhará para seu destino e agrupamento final, seja qual for sua espécie animal. Aqui no Castelo o leão come frutas. Temos todos os animais que tem na Terra, também, mas todos comem muito pouco, apenas para comemoração, e quando o fazem se servem especialmente de frutas, mas também podem comer legumes e cereais. Jamais comem carne porque esse é o principal ponto de seleção e exclusão deste castelo. Também a Generosidade oferecerá incontáveis oportunidades de retorno à reflexão, porém apesar de incontáveis essas oportunidades não são infinitas; haverá uma última vez.

“Originalmente, continuou o monge, foi o ato de comer o cadáver dos

outros animais, irmãos pela criação, que nos tornou mortais e sensíveis ao desgosto e à dor. Todos os vegetais e animais foram chamados frutos do castelo, no sentido de elementos do castelo, e a determinação foi que se comessem todos os frutos, para comemoração, exceto os animais, que, criados à semelhança nossa e à do próprio Criador, ofereceriam a oportunidade do crescimento e ascensão ao castelo.”

Novamente o visionário interpelou:

– De que forma essa criação extraordinária de seres diferente pode contribuir para o nosso crescimento espiritual? Onde está a origem desse crescimento?

E o monge respondeu pausadamente:

– “Foram criados seres de várias espécies e cores, bem como homens de várias cores.” Ao superar a aparência das formas e das cores, adentraremos ao coração do enigma, ou seja compreenderemos a igualdade relativa.

– E porque já não nascemos perfeitos?

– Nascemos perfeitos, mas vamos nos distanciando dos irmãos e do castelo por causa das modificações que fizemos em nosso modo de vida e na natureza. Natureza se refere a o que é natural e o mundo natural se estreitou enquanto o mundo artificial se alargou. O retorno às condições originais, livre e espontânea nos levará à grande fraternidade do Castelo, onde não há fome, nem dor. Não é, portanto, apenas o jejum de que lhes falei, o que lhes habilitará ao ingresso no castelo, mas será ele uma ferramenta de grande valor na busca da humildade ou das chaves que abrirão a grande porta.

“Nós, e também o cão, o cavalo, o golfinho e todos os outros animais somos semelhantes ao Criador, porém, apenas o homem é também sua imagem. A semelhança entre todos os seres é escandalosamente visível e só escapará à percepção do desleixado. Assim como nós, os animais também procriam e protegem suas crias, também sentem frio e calor, também se abrigam, também sentem dores físicas e claramente também dores do espírito quando perdem um ente ou mesmo algum ser que possa ser considerado seu amigo, além da visível dificuldade comum que acometerá a todos, indistintamente, se qualquer um perder a visão, o tato ou qualquer outro sentido. O paladar também é dado a todos os seres que escolhem e manifestam seus gostos. O grande amor é pela semelhança e não pela imagem, que é irrelevante; apenas os pobres do espírito de observação fazem seus julgamentos a partir da imagem.

“Todos nós somos um e é por isso que a morte de qualquer animal afeta diretamente a nossa vida, causando também nossa diminuição proporcional no tempo de vida. Imagine, dizia o monge, uma casa de uma família comum na terra; casa pequena com um quintal pequeno e que comporta um ou dois animais. O dono dessa casa, suponhamos, já tem um animal e portanto sua lotação está completa. Então ele tem nesse espaço os detritos orgânicos do animal e a



proliferação natural e espontânea de insetos, além do pisar constante desse animal no solo subjacente. Imaginemos que esse animal seja um cão, mas poderia ser qualquer outro e vamos também pensar o que aconteceria caso esse homem e mais seus muitos vizinhos e semelhantes também comessem cão.

“É certo que o cão passaria a ter um valor monetário. Deixaria de ter um valor existencial para ter um valor financeiro e todo o afeto ou cuidados ou relacionamento com esse cão seria, como é fácil supor, totalmente diferente do que é. Também é muito fácil supor que esse homem teria mais de um cão e possivelmente seriam muitos o que provocaria um grande desequilíbrio naquela casa. Haveria um aumento extraordinário de detritos e insetos perniciosos, além de brigas e machucados frequentes nos animais decorrentes da super lotação; doenças e tristezas assolariam aquela, outrora, feliz morada de seres semelhantes. E, certamente, a vida do homem também se tornaria um mar de insatisfações que seriam trocadas pelo seu nefasto prazer de devorar aqueles que foram designados para sua companhia. Todos os frutos das árvores sofreriam um desprezo absurdo e precisariam de muito mais pesticidas por causa do aumento dos insetos. E esse ser, o homem, teria seus próprios detritos orgânicos fétidos e poluidores, causando os esgotos cheios de ratos e bactérias que são jogadas no mar, sem qualquer preocupação com os outros semelhantes que lá habitam com seus filhos.

“E esse desamor é mortal para todos. Se é verdade que o amor constrói a felicidade, não é menos verdade que o desamor a destrói. Se o amor remove montanhas, não é difícil perceber que o desamor a instala à nossa frente. O desamor cria montanhas intransponíveis, que somente serão removidas praticando-se o amor genuíno e divino, que é aquele que respeita a semelhança, fator de libre arbítrio para o crescimento espiritual.

– Monge... não é suficiente que esse amor seja para os semelhantes que tem também a mesma imagem? Por quê?

– Amar os semelhantes é humilde e despreza as aparências, enquanto amar a imagem é egoísta e despreza os sentimentos que levam à movimentação da mão. A mão é a grande ferramenta que foi dada ao semelhante que é a imagem do Criador; ele pode fazer muito mais do que os outros, porém tem também maior responsabilidade e nele será observado o desenvolvimento relativo. Observe atentamente os objetos existentes e verá que um golfinho, por exemplo, que supostamente fosse muito mais inteligente do que o homem, jamais poderia fazer qualquer um desses milhares de objetos. Ele não pode fazer também objetos que lhe propiciariam a sua própria defesa e a de seus familiares, e assim se posta à nossa consciência a sua fragilidade. O ato covarde de privá-lo do sol e da brisa matutina do dia seguinte é uma transgressão claramente escrita na fuga desse ser, bem como no seu grito ou uivo quando atingido pelas armas mortíferas, feitas, como se vê, pelas mãos do homem; mãos essas dadas apenas para ele, uma vez que os símios tem uma

ferramenta apenas parecida com a dos humanos. A pata dos símios, que é apenas parecida com as mãos humanas, fica longe de poder, por exemplo, pegar uma fina agulha de uma superfície com o polegar e o indicador ou, também por exemplo, tocar piano ou digitar com a destreza que muitas vezes verificamos nas pessoas. Também não pode, mesmo o semelhante símio, apesar de ter também uma imagem muito parecida com a nossa e com o Criador, não pode esse símio, segurar uma arma e colocar seu indicador no gatilho, sendo-lhe também impossível produzir o revólver. Respeitar e acatar essa fragilidade é um crescimento espiritual. Não há valor quando não se faz uma coisa por não ter possibilidade de fazê-la; o valor está em quando se pode fazer uma determinada coisa, raciocina-se com o cérebro e com o coração, desejando ao semelhante – tenha ele qualquer imagem – o mesmo bem que desejaria a si próprio.

“ E por paradoxal que possa parecer, não será cobrado de nenhum ser, que tenha sido bom para os seres de sua imagem, pela pequenez deste ato, mas serão observados aqueles que, crescendo espiritualmente, compreenderão e respeitarão a justiça subjacente às diversas espécies que constituem o mundo dos semelhantes.”

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

